

O DISCURSO SOBRE A OBRIGAÇÃO EM APRENDER UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

ROGERIA DE AGUIAR (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ).

Resumo

Este trabalho tem por objetivo verificar, em uma perspectiva da Análise do Discurso Francesa, quais são os discursos vinculados às línguas estrangeiras e seu ensino na Revista Veja dos anos de 1985 ao ano de 2005. São vários os discursos encontrados. Há enunciados que revelam visões simplistas de língua e de ensino, como por exemplo, "aprenda inglês em 30 horas". Também encontramos enunciados que revelam o discurso normativista sobre a língua. Alguns desses são aqueles que declaram que aprender uma língua de maneira eficaz, é aprender sua gramática. Dentre os muitos enunciados encontrados, gostaríamos de dedicar maior atenção àqueles que constituem o discurso da obrigatoriedade do aprendizado de uma língua estrangeira por todas as pessoas. Encontramos enunciados como "falar de verdade uma língua estrangeira tornou-se obrigatório" ou "qualquer pessoa com o mínimo de escolaridade sabe da importância da língua inglesa para o futuro profissional". A partir de enunciados como esses, queremos verificar como esse discurso se constitui. Uma das características comum a todos os discursos é a de esconder sua condição de discurso e mostrar-se como uma verdade. Esse não é diferente, queremos discutir, portanto, como a afirmação de que todos nós temos a obrigação de aprender uma língua estrangeira é um efeito discursivo.

Palavras-chave:

mídia , discurso, língua estrangeira.

17º Congresso Brasileiro de Leitura

O discurso sobre a obrigação em aprender uma língua estrangeira

Rogéria de Aguiar (Universidade Federal do Paraná)

Esse trabalho faz parte do projeto *O discurso sobre a língua estrangeira e seu ensino na mídia impressa no período de 1985 a 2005 e na publicidade de rua da cidade de Curitiba*. O projeto tem como fontes a Revista Veja, o Jornal a Gazeta do Povo, o Jornal a Folha de São Paulo e a publicidade de rua da cidade de Curitiba. Neste trabalho a fonte de pesquisa foi a Revista Veja. Foi realizada a catalogação nos anos de 1985 a 2005 em todas as reportagens, propagandas ou qualquer outro gênero que abordasse nosso tema principal - as línguas estrangeiras e seu ensino. Após a catalogação nos dedicamos a realizar a análise do material encontrado para verificar quais são os principais discursos vinculados às línguas estrangeiras e seu ensino. Muitos foram os discursos encontrados, entretanto, um nos chamou mais a atenção por sua grande recorrência - o discurso de que todos nós temos a obrigação em aprender uma língua estrangeira. Vamos, portanto, observar como se forma e se sustenta essa formação discursiva.

Desde a catalogação até a análise dos dados, seguimos como base teórica a Análise do Discurso Francesa, principalmente os princípios teóricos do autor Michael Foucault. Procuramos encontrar dentro da dispersão (no sentido foucaultiano do termo), enunciados que revelassem a existência de uma formação discursiva. Os enunciados que apresentam uma regularidade de sentido pertencem a uma formação discursiva.

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva (FOUCAULT, 1986, p.43; apud GREGOLIN, 2004, p.90).

Para a análise do discurso, enunciados que podem ser ligados por uma regularidade temática e temporal, podem constituir um discurso comum. É papel do analista, encontrar os pontos de contato que unem esses enunciados, para identificar aí uma formação discursiva. Pretendemos, portanto, identificar e analisar esses discursos, como eles se ligam, se confrontam e se reforçam.

Nos anos pesquisados de Revista Veja, encontramos muitos enunciados sobre o ensino de línguas estrangeiras, analisando essas ocorrências percebemos que esse é um campo que vem crescendo e muitas empresas veem este ramo como uma promissora área para negócios e investimentos. O ensino de línguas estrangeiras está se tornando um objeto altamente vendável. A reportagem "Com sotaque japonês" de 28 de julho de 1993 nos mostra essa perspectiva:

Os japoneses já arremataram grandes imóveis na Europa e também companhias de cinema nos Estados Unidos. Agora, estão descobrindo nos cursos de línguas um novo filão para aplicar seu dinheiro. Uma pesquisa recente estimou que só o ensino da Língua Inglesa movimentava anualmente 9 bilhões de dólares no planeta. É um mercado fabuloso, que tende a se ampliar num mundo em que as fronteiras comerciais caem na mesma medida em que cresce a necessidade de aprender uma segunda língua - e até uma terceira.

O que as reportagens e propagandas fazem é ressaltar uma importância, ou quase uma obrigação de todos, em aprender uma segunda língua. A mesma reportagem citada acima diz que "Como o português é uma língua pouco falada no planeta, um brasileiro que não saiba se expressar e entender um segundo idioma é uma espécie de analfabeto planetário". Essa afirmação nos deixa com a impressão de que é praticamente uma vergonha alguém "confessar" que só fala o português. A pergunta que podemos fazer é se realmente o conhecimento de um segundo idioma é indispensável para todo e qualquer cidadão, siga ele a profissão que seguir. Uma propaganda da escola CCAA diz "Falar de verdade uma língua estrangeira tornou-se obrigatório".

O "indispensável" conhecimento de uma segunda língua recai geralmente sobre o inglês. A reportagem "Opção Latina" afirma que o ensino da Língua Inglesa é "crucial para qualquer cidadão do mundo moderno" (12/08/1987).

Em 14 de março de 1990 a propaganda de um dicionário Inglês - Português, Português - Inglês, traz também esse discurso, mas de forma menos incisiva:

Cada vez mais, o inglês está presente no seu dia-a-dia.

Na música que você curte, na roupa que veste, no esporte que pratica.

Entender inglês é estar em sintonia com seu tempo.

Ou seja, você não pode viver sem um dicionário de inglês. E qual será o esporte em que é indispensável o conhecimento do inglês para que se possa praticá-lo?

Outros enunciados encontrados que fazem parte dessa formação discursiva são: "Quem não fala inglês simplesmente não tem chance de disputar os melhores postos de trabalho" (01/07/99) ou "qualquer pessoa, com o mínimo de escolaridade sabe da importância da língua inglesa para o futuro profissional" (14/08/96).

Os pais, que entram na ordem do discurso, estão preocupados em garantir um promissor futuro profissional para seus filhos, desde muito cedo. "Uma tendência que passou a atrair famílias brasileiras de classe média nos últimos anos. Pais cada vez mais preocupados com a obrigatoriedade do inglês no mercado de trabalho apostam suas expectativas e muitas de suas economias no ensino precoce da língua". (25/04/2001). Perceba que é usada a palavra obrigatoriedade, sem qualquer relativização dessa obrigação. Dados da própria revista apontam que, efetivamente, são apenas 10% dos cargos dentro das empresas que exigem o domínio da língua inglesa.

A Revista traz também a voz desses pais, pois os sujeitos do discurso não estão limitados a somente algumas pessoas ou instituições. A mãe de duas crianças justifica sua opção por um colégio bilíngüe para seus filhos da seguinte forma: "Quem não fala inglês está perdido, não quero que meus filhos tenham esse tipo de deficiência" (17/08/1994). A falta do idioma estrangeiro caracteriza para essa mãe uma deficiência, um termo bastante forte para caracterizar a falta desse conhecimento.

O sujeito, portanto, em uma visão foucaultiana, não está preso a um autor originário ou a uma instituição em especial, "o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado" (FISCHER, 2001, p. 207).

Os discursos estão dispersos entre diferentes sujeitos. E não são esses sujeitos os responsáveis pela formulação de um discurso. O sujeito na teoria foucaultiana não é o sujeito social. "Os sujeitos sociais não são causas, não são origem do discurso, mas são efeitos discursivos." (PINTO, 1989, p. 25; apud FISCHER, 2001, p. 207). Portanto, aqueles que pronunciam os discursos não têm consciência de que são falados e assujeitados por ele.

É claro que não estamos fazendo uma crítica àqueles que se interessam por aprender um segundo idioma. O que queremos evidenciar é que muitas dessas

peças vão atrás desse aprendizado com a certeza da garantia de "um futuro melhor" ou a garantia de uma boa colocação no mercado, pois também são assujeitados pelo discurso. Talvez não pronunciem tais afirmações, mas o fato de acreditarem nele faz com que estejam dentro dessa rede discursiva. O Instituto Goethe traz exatamente essa afirmação:

ALEMÃO

O passo certo

para um futuro melhor (05/08/1992)

A escola Berlitz garante, por sua vez, que o aprendizado de uma língua estrangeira dará ao aluno um livre acesso a vários países. O anúncio traz a foto de vários passaportes da Espanha, Alemanha, França, Itália e Estados Unidos e diz "Venha para a Berlitz. Aprender inglês, francês, alemão, italiano ou espanhol na Berlitz é como ter visto permanente em qualquer lugar do mundo." (12/03/1986). Não é difícil perceber que os países citados são países desenvolvidos e grandes influenciadores em nossa cultura. É como se a escola novamente oferecesse um "futuro melhor" com uma perspectiva de ascensão social.

Podemos perceber, portanto, que o discurso é tomado como verdade. "Toda sociedade deseja dominar o discurso, negá-lo como acontecimento e desconsiderar sua materialidade a fim de conjurar seus *poderes e perigos*". (PICANÇO, 2006, p. 125). Nega-se, portanto, a materialidade dos discursos e assim, o que eles proferem são encarados como a verdade em si. Em todos os enunciados que estamos analisando, podemos perceber esse caráter do discurso.

Outra opção muito procurada para garantir esse aprendizado são os cursos no exterior. Uma reportagem da Revista justifica essa opção, como uma boa escolha, da seguinte forma: "Afinal, aventurar-se pelos bancos escolares estrangeiros é um investimento de retorno garantido. O estudante volta com fluência em inglês, jogo de cintura, iniciativa e capacidade de tomar decisões e resolver problemas". (05/07/2000). O estudante adquire essas qualidades quase que de forma mágica, somente por haver ido estudar em um país estrangeiro.

A importância do domínio de uma língua, geralmente a língua inglesa, é muitas vezes relacionada à globalização: "O que antes era um tópico do currículo que valorizava o profissional tornou-se um requisito obrigatório nas grandes empresas, nestes tempos de globalização" (25/10/2000). A revista fala também sobre uma possível diferença salarial no final do mês: "Nesses tempos de globalização, nunca é demais insistir no assunto. O domínio da língua inglesa pode representar um aumento 22,15% no contracheque de funcionários em cargos gerenciais". (04/07/2001). Há, portanto, uma relação entre o conhecimento de inglês e o aumento de remuneração, entretanto, são somente nos cargos gerenciais que o domínio da língua reflete esse aumento de salário. A revista também não traz a porcentagem de pessoas que dominam o idioma e nem por isso possuem um cargo de prestígio.

O discurso da obrigatoriedade em aprender uma língua estrangeira mostra outro reflexo: as pessoas agora têm pressa por aprender o idioma. Uma reportagem sobre intercâmbios diz "Outra vantagem de estudar nesse país (Estados Unidos) é o inglês, a língua que a maioria precisa **aprender com urgência**" (grifo nosso). Essa urgência, por sua vez, se reflete nas propagandas de escolas de idiomas. A escola Portella garante: "Fale inglês em 30 horas". A escola New England, que ensina inglês e espanhol, traz o seguinte anúncio: "Direto da maior escola de idiomas da

Inglaterra. Você fala e ouve mais de 10.000 palavras em 1 aula". Mais do que simples formas de chamar os alunos para as suas salas de aula, esses enunciados corroboram para uma concepção normativista de língua. Para o normativismo a língua se resume as suas regras gramaticais e aos vocábulos, excluindo a identidade e cultura dos falantes. Um método que garante aprendizado em trinta horas, certamente está se referindo ao ensino dessas regras gramaticais e léxico. Muito mais evidente, fica exposta essa idéia no anúncio da escola New England que promete mais de dez mil palavras por aula. Além de ser algo extremamente inviável, deixa claro que a escola resume o aprendizado da língua no aprendizado do seu vocabulário.

A busca por um aperfeiçoamento é certamente algo positivo. A aprendizagem de uma nova língua possibilita às pessoas conhecer uma nova cultura, ter acesso a uma outra literatura, enfim, ampliar seu campo de comunicação. Infelizmente não é essa a motivação que as pessoas têm para aprender uma língua estrangeira, mas sim de que essa língua estrangeira, principalmente a língua inglesa, vai garantir o sucesso profissional. Não estamos discordando de que o domínio de uma língua estrangeira possa significar uma qualidade a mais no momento de buscar um emprego. Discordamos, no entanto, dessa falsa garantia que o discurso nos causa, fazendo com que pareça certo um bom emprego a partir desse domínio. As pessoas se sentem obrigadas a aprender inglês, encaram como uma árdua tarefa e não como um enriquecimento pessoal. "Aprender inglês é um pesadelo que atormenta um número cada vez maior de brasileiros. Nunca, na história do país, tantas pessoas estudaram um idioma estrangeiro" (14/08/1996). Outro ponto negativo é a exclusão que esse discurso gera com as pessoas que não dominam o inglês. "Em tempos de globalização, não falar inglês virou um motivo de vergonha" (14/08/1996).

Referências:

FISCHER, R. M. B. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de pesquisa**, n.114, p. 197-223, novembro/2001.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002(b). Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª edição. Coleção Tópicos.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002 (a). Tradução de Luiz Felipe B. Neves. 4ª edição.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Clara Luz, 2004.

PICANÇO, D. C. L. **Discurso, Lingüística e História**. Curitiba, 2006. Tese de doutorado. (Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de pesquisa: Estudos Lingüísticos, Área de Concentração: História e Filosofia da Lingüística, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR).

SILVEIRA, M. I. M. **Línguas Estrangeiras uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino**. Maceió - São Paulo: Edições Catavento, 1999.